

DOENÇAS OCUPACIONAIS PROVOCADAS PELO TRABALHO DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM EM UM AMBIENTE HOSPITALAR

Renata Rodrigues Soares¹

Resumo

Este estudo faz uma reflexão sobre as doenças ocupacionais adquiridas pela equipe de enfermagem em estabelecimentos hospitalares, e tem por objetivo identificar em um ambiente hospitalar os fatores desencadeantes das doenças ocupacionais na equipe de enfermagem. A estratégia adotada para o desenvolvimento do estudo foi uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, realizada por meio de uma busca da literatura disponível em teses, dissertações, revistas e artigos científicos adquiridos dos bancos de dados do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram identificados os riscos ocupacionais, onde se destacam os riscos biológicos, químicos, físicos, ergonômicos e de acidentes, mas foi possível perceber que os riscos além de coexistirem, se mesclam e se acumulam. O risco de acidentes pode vir a ser um grande risco biológico, um risco físico como o ruído, pode se tornar um risco psíquico, e o que se percebe é o adoecimento, seja físico ou psíquico, dos profissionais de enfermagem.

Palavras-chave: Enfermagem. Riscos ocupacionais. Ambiente hospitalar. Doenças profissionais

1 INTRODUÇÃO

Este estudo faz uma reflexão sobre as doenças ocupacionais adquiridas pela equipe de enfermagem em estabelecimentos hospitalares, um ambiente que expõe o enfermeiro a diversos agentes e/ou fatores de riscos ocupacionais (ELIAS; NAVARRO, 2006).

A enfermagem percorreu nas últimas décadas um trajeto bastante paradoxal. Ao mesmo tempo em que houve uma evolução nas especializações e na disponibilidade de recursos tecnológicos para o melhor desempenho profissional, as condições de trabalho para o enfermeiro se tornaram mais duras, complexas e difíceis (GRANERO; BLANCH; OCHOA, 2018).

O trabalho do profissional de enfermagem, abrange além da evidente assistência e promoção da saúde, outras especificidades como a responsabilidade

¹ Pós-graduada em Enfermagem do trabalho. E-mail: renata.r.soares@hotmail.com

por questões administrativas, treinamento e capacitação, gestão, submetendo os profissionais a uma carga horária excessiva, em turnos de trabalho que preencham as 24 horas do dia nos sete dias da semana (FREIRE *et al.*, 2016).

A enfermagem é apontada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma das profissões mais estressantes da atualidade devido aos riscos inerentes a sua atividade laboral (BEZERRA; SILVA; RAMOS, 2012)

Dessa forma, o objetivo deste estudo é identificar em um ambiente hospitalar os fatores desencadeantes das doenças ocupacionais na equipe de enfermagem.

O interesse pela temática surgiu da observação cotidiana, como profissional de enfermagem atuando em um ambiente hospitalar, das relações do processo de trabalho

Justifica-se este trabalho pela pouca atenção e ausência de preocupação com a proteção, a promoção e a manutenção da saúde decorrentes da atividade laboral do profissional de enfermagem, fato que se atribui tanto aos profissionais como às instituições empregadoras (SHOJI, SOUZA; FARIAS, 2015).

Essa displicência é habitual e há quase uma década, Gomes e Passo (2010) já destacavam a relevância do estudo sobre as doenças ocupacionais adquiridas na prática da enfermagem.

A contribuição desse estudo vai além da discussão acerca das consequências e da gravidade da exposição a riscos ocupacionais. É feito também um alerta à possibilidade da reivindicação de melhores condições de trabalho, à necessidade de uma postura adequada em relação aos equipamentos de proteção individual (EPI), amenizando a exposição aos riscos, e conseqüentemente às doenças por eles ocasionadas (GOMES; PASSO, 2010).

A estratégia adotada para o desenvolvimento do estudo foi uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, realizada por meio de uma busca da literatura disponível em teses, dissertações, revistas e artigos científicos adquiridos dos bancos de dados do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Este trabalho apresenta além dessa introdução, um desenvolvimento teórico onde são abordados os riscos ambientais e ocupacionais e as doenças ocupacionais, além das normas de segurança no trabalho hospitalar. Como síntese do estudo, estão as considerações finais, além das referências bibliográficas utilizadas no desenvolvimento deste. Todo estes tópicos se fazem necessários para que se possa

responder ao problema de pesquisa: quais os fatores desencadeantes das doenças ocupacionais na equipe de enfermagem em um ambiente hospitalar?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. RISCOS AMBIENTAIS E OCUPACIONAIS

Diariamente, os profissionais de enfermagem, são expostos a um conjunto de perigos no ambiente hospitalar. Estes perigos laborais dão origem a vários tipos de riscos ambientais e ocupacionais (MENDES; AREOSA, 2014).

Nishide e Benatti (2004) distinguem riscos ambientais, como aqueles provocados pelos agentes físicos, químicos e biológicos existentes no ambiente de trabalho e afirmam que os agravos à saúde por eles causados são variáveis e dependem da natureza, concentração ou intensidade do agente e do tempo de exposição.

Já os riscos ocupacionais referem-se à absolutamente todas as situações de trabalho que podem abalar o equilíbrio físico, mental e social do profissional. Silva, Lima e Marziale (2012) consideram como risco ocupacional, toda e qualquer possibilidade de que algum elemento ou circunstância existente no ambiente de trabalho desfavoreça a saúde do trabalhador, compreendido aí os acidentes, doenças ou o sofrimento dos trabalhadores.

Independente da classificação do risco, o trabalho em ambiente hospitalar favorece o surgimento de agravos para a saúde, tanto pela ocorrência de acidentes e doenças profissionais, como pela constância de situações de stress e de fadiga (MENDES; AREOSA, 2014).

Mendes e Areosa (2014) corroboram que no ambiente hospitalar são encontrados todos os riscos existentes, quais sejam, os riscos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e o risco de acidentes.

Sulzbacher e Fontana (2013) acreditam que os agentes físicos e químicos capazes de causar agravos à saúde não são percebidos pela equipe de enfermagem, que habituando-se ao convívio com estes na sua rotina de trabalho e desconsiderando os agravos causados, aumentam o potencial destes geradores como fatores para o adoecimento.

Dentre as circunstâncias que favorecem a exposição ao risco químico ocupacional, e que são ignoradas pelos profissionais de enfermagem estão, dentre vários outros, o uso constante de luvas de látex, o manuseio de detergentes e solventes, a manipulação de certos tipos de drogas e antibióticos, a inalação de gases anestésicos e esterilizantes (XELEGATI *et al.*, 2006).

Rezende *et al.* (2009) apontam os riscos físicos para o cenário hospitalar. No dia a dia, se escutam os ruídos dos alarmes sonoros dos equipamentos, a movimentação das pessoas, o sistema de alto-falante, o telefone e os celulares.

Os riscos atribuídos ao agente físico calor são inúmeros. O calor é constantemente utilizado no ambiente hospitalar, nas operações de limpeza, desinfecção e esterilização, nos laboratórios de análise clínica e para geração de condições de conforto ambiental, sem esquecer áreas como lavanderia e cozinha (ANVISA, 2019).

Citam-se ainda como agentes de riscos físicos a má iluminação que pode ocasionar graves prejuízos ao profissional de enfermagem, assim como a umidade que deve ser controlada no ambiente hospitalar (ANVISA, 2019).

As radiações provenientes de aparelhos de raios x, da luz ultra violeta, infravermelha e *lasers* também devem ser observadas como fatores de riscos físicos (REZENDE *et al.*, 2009).

Como terceiro e último risco ambiental, na distinção sugerida por Nishide e Benatti (2004), apresenta-se o risco biológico, intensamente encontrado no ambiente hospitalar.

Soares et al (2011) citam que faz parte da rotina do profissional de enfermagem o contato indireto com sangue e outros fluidos orgânicos contaminados por uma variedade de patógenos, situação que frente à ocorrência de acidentes de trabalho podem desencadear doenças ocupacionais.

Percebe-se que na ocorrência de acidentes perfurocortantes além das lesões, há os riscos de transmissão de agentes biológicos veiculados pelo sangue e secreções corporais, e Rezende (2011) afirma que esses se apresentam como os maiores riscos.

Os riscos ergonômicos são cada vez mais presentes no cotidiano do profissional de enfermagem dentro do ambiente hospitalar, afirmam Santos et al (2012).

Valente, Gomes e Greco (2010) contam que a maioria dos estudos sobre os riscos ergonômicos na enfermagem hospitalar enfatizam a ergonomia física e organizacional ao focalizar as atitudes adotadas no processo de trabalho, mas tais riscos vão além da adoção de posturas inadequadas, sendo influenciados por vários outros fatores.

A ergonomia física e organizacional refere-se aos espaços físicos inadequados para a realização das atividades, como as camas muito próximas, altura das camas e macas inadequadas e diferentes para a transferência de pacientes, as distâncias percorridas, os equipamentos que não favorecem a movimentação e levantamento de pacientes, dentre muitos outros. (ROSSI; ROCHA; ALEXANDRE, 2001).

Campos e Graveto (2009) apontam que as diversas atividades profissionais desenvolvidas pela Enfermagem exigem também demandas cognitivas múltiplas e intensas, como a quantidade de informações recebidas ou repassadas, tomada de decisão, uso da memória, vigilância, tarefas que na maioria das vezes não ocorrem dissociadas das solicitações físicas.

As cargas de trabalho a que está sujeita a Enfermagem contribuem para um processo de desgaste e acidentes de trabalho (RIBEIRO; SHIMIZU, 2010).

Ribeiro e Shimizu (2010) relatam que a maior frequência de acidentes de trabalho em hospitais acontece na enfermagem em função das atividades que os profissionais desenvolvem nos cuidados prestados diretamente aos pacientes e na organização, limpeza, desinfecção de materiais, de equipamentos e do ambiente.

Santos et al (2017) em recente pesquisa concluíram que a ocorrência dos acidentes de trabalho é totalmente correlata ao processo de trabalho e às condições e ônus a que se submetem os profissionais.

Mas há outros riscos de acidentes além dos perfurocortantes, e mais uma vez estão ligados aos riscos ambientais, ou seja, os riscos químicos, físicos e biológicos. Mininel, Baptista e Felli (2011) confirmam que no ambiente hospitalar os diversos tipos de riscos coexistem, são concomitantes, progressivos e cumulativos.

Os profissionais de enfermagem se expõem a riscos químicos quando manipulam “instrumentos de trabalho, medicamentos, soluções, desinfetantes, desincrostantes ou esterilizantes, antissépticos, quimioterápicos, gases analgésicos, ácidos e o contato com materiais de borracha” (RIBEIRO; SHIMIZU, 2010, p. 539).

Os trabalhadores de enfermagem quando expostos aos riscos físicos submetem-se à exposição ao choque elétrico no manejo de tomadas, aspiradores,

desfibriladores, e bisturis elétricos. Há risco de radiação e existe a exposição a ruídos de monitores e de ar comprimido, à alta temperatura das autoclaves e a choques térmicos (RIBEIRO; SHIMIZU, 2010).

Ribeiro e Shimizu (2010) trazem ainda a exposição a cargas biológicas e a acidentes ao manipular pacientes com doenças transmissíveis e infectocontagiosas, feridas contaminadas e outras secreções humanas.

São ainda identificados riscos psicossociais no trabalho como a falta de preparo e capacitação, sobrecarga de papéis, longas horas de trabalho e recursos materiais insuficientes, e às formas de organização desse trabalho, com supervisão controladora e falta de autonomia (RIBEIRO; SHIMIZU, 2010, MININEL; BAPTISTA; FELLI, 2011).

Entre os riscos psicossociais estão àqueles causados pelo estresse, a jornada e o ritmo de trabalho além do contato com o sofrimento dos pacientes. (CARRARA; MAGALHÃES; LIMA, 2015).

A exposição às cargas psíquicas é a mais referida pelos trabalhadores de enfermagem, e estão relacionadas ao objeto de trabalho que é o ser humano, envolvendo situações geradoras de estresse, fadiga e tensão (MININEL; BAPTISTA; FELLI, 2011).

Carrara, Magalhães e Lima (2015) trazem ainda como agravos a saúde do trabalhador de enfermagem os fatores relacionados à violência psicológica. A violência psicológica no trabalho deve ser considerada como risco ocupacional de agravo à saúde dos trabalhadores da enfermagem.

Os trabalhadores de saúde, sujeitos a vários riscos ocupacionais, adoecem, e, na maioria das vezes, não relacionam esses problemas à sua atividade de trabalho (MEDEIROS et al, 2007).

A doença ocupacional ou profissional está definida na Lei n. 8.213 de 24 de julho de 1991 como a enfermidade produzida ou desencadeada pelo exercício do trabalho peculiar a determinada atividade (BRASIL, 1991) e seu surgimento é originado pela exposição a todos os riscos da atividade que o profissional desenvolve (GOMES; PASSO, 2010).

2.2.DOENÇAS OCUPACIONAIS

Elias e Navarro (2006) apontam que o profissional de enfermagem vive, muitas vezes, em seu ambiente laboral em torno de um terço de sua vida, um ambiente que se transforma constantemente, com novas tecnologias, novas posturas frente às necessidades de mercado.

Estudos realizados tanto no Brasil como no exterior, têm demonstrado que a aplicação de precauções e intervenções no processo do trabalho não são suficientes para garantir a eficácia das medidas de prevenção e a seguir são apresentadas as doenças ocupacionais mais citadas na bibliografia consultada.

Gomes e Passo (2010) apresentam que as doenças originadas pelos riscos físicos aos profissionais de enfermagem incluem as doenças relacionadas à audição e as relacionadas ao padrão de sono, surgimento de doenças oculares e até mesmo as congênitas. A exposição aos riscos químicos podem desencadear graves anomalias fetais.

As dorsalgias são frequentes frente aos riscos ergonômicos, e o estresse, ansiedade, depressão e a síndrome de Burnout foram doenças identificadas com relação a exposição aos riscos psicossociais (GOMES; PASSO, 2010).

Gomes e Passo (2010) apontam as principais doenças originadas pela exposição aos riscos biológicos para o trabalhador de enfermagem. São elas a tuberculose pulmonar, citomegalovírus, hepatites virais, infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) e síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS).

A pesquisa de Teixeira, Casanova e Silva (2014) relaciona que as doenças que mais geram o afastamento do trabalho pelos profissionais de enfermagem são as doenças osteomusculares, síndrome de Burnout, depressão, afecções do trato respiratório e urinário e dermatoses.

Rocha *et al.* (2017) citam o adoecimento cardíaco manifestado pela arritmia cardíaca, bem como as hepatite B e C, a síndrome da imunodeficiência humana adquirida (AIDS) e a tuberculose dentre outras doenças infecciosas.

Os mesmos autores, Rocha *et al.* (2017) afirmam que os fatores de risco levam ao estresse crônico e desenvolvimento da síndrome de Burnout, e que as lesões por esforços repetitivos (LER), ou distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) também são comuns.

Também para Carrara, Magalhães e Lima (2015), os profissionais de enfermagem são os mais afetados pelas DORT, sendo a dor é o sintoma mais frequente entre os profissionais acometidos por esta patologia.

Altas taxas de desordens músculo esqueléticas relacionadas ao manejo de pacientes também foram relatadas por Rosa *et al.*(2008).

As doenças infecciosas são as que possuem maiores riscos de serem adquiridas pelos profissionais de saúde por estarem frequentemente em contato direto com os pacientes e Carrara, Magalhães e Lima (2015, p. 276) alertam ainda “para consequências catastróficas na vida pessoal e social do indivíduo”.

Bordigno e Monteiro (2016) relatam como doenças ocupacionais relacionadas ao risco violência psicológica, a dor, entorse, dano a audição, palpitações, desordens no sono, estresse, depressão, o medo, o cansaço, ansiedade e dores estomacais.

Para Pai *et al.* (2015) as três dimensões da síndrome de Burnout - exaustão emocional, despersonalização e baixa realização - também se associaram à violência no trabalho do profissional de enfermagem.

2.3 NORMAS DE SEGURANÇA

A doença ocupacional no meio ambiente hospitalar tornou-se corriqueira, e preocupado com a questão correlata da saúde do trabalhador e as doenças ocupacionais o Ministério do Trabalho e Emprego criou em 11 de novembro de 2005 a Norma Regulamentadora NR-32. Esta norma remete à segurança e saúde no trabalho em estabelecimentos de saúde (OLIVEIRA; LAGE; AVELAR, 2011).

A NR-32 abrange as situações de exposição aos diversos agentes de risco presentes no ambiente de trabalho, como os agentes de risco biológico; os agentes de risco químico; os agentes de risco físico com destaque para as radiações ionizantes; os agentes de risco ergonômico. Dedicar-se também a normatizar a questão da obrigatoriedade da vacinação do profissional de enfermagem (tétano, difteria, hepatite B e o que mais estiver contido no PCMSO), com reforços e sorologia de controle pertinentes, conforme recomendação do Ministério da Saúde, devidamente registrada em prontuário funcional com comprovante ao trabalhador (CARRARA; MAGALHÃES; LIMA, 2015, p. 270).

Silva e Santos (2014) explicam que PCMSO é o Programa de Controle Médico e Saúde Ocupacional e é específico à realidade de cada instituição.

Com a criação dos PCMSO, o foco da atenção médica, que antes de 1978, era a doença em geral, entre 1978 e 1994 concentra-se na doença ocupacional, agora visa a saúde ocupacional.

Considera-se importante para os trabalhadores de enfermagem que se atualizem sobre as medidas de precaução padrão e específicas, por meio de cursos de formação e atualização no âmbito da saúde do trabalhador (DUARTE *et al.*, 2012).

Foi somente a partir da década de 80, com as notificações dos casos da AIDS, que as instituições hospitalares passaram a se importar mais com a saúde dos seus trabalhadores. Com este cenário surgiram recomendações para melhorias da saúde e segurança deste profissional, por meio de medidas de proteção aos trabalhadores, tais como o uso de equipamentos de proteção individual (EPI) e a lavagem das mãos (DIAS; FIUZA; ONNING, 2015).

Essas recomendações para a proteção da saúde do trabalhador hoje são parte da Norma Regulamentadora 32 (NR-32), que indica, além do uso completo dos EPIs e da lavagem correta das mãos, a vacinação, o descarte correto de materiais perfurocortantes, a comunicação de acidentes de trabalho, entre inúmeras outras recomendações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho buscou identificar quais os fatores desencadeantes das doenças ocupacionais na equipe de enfermagem em um ambiente hospitalar e este objetivo foi cumprido.

Seria possível apenas citar que foram identificados os riscos ocupacionais, onde se destacam os riscos biológicos, químicos, físicos, ergonômicos e de acidentes, mas foi possível perceber que os riscos além de coexistirem, se mesclam e se acumulam. O risco de acidentes pode vir a ser um grande risco biológico, um risco físico como o ruído, pode se tornar um risco psíquico, e o que se percebe é o adoecimento, seja físico ou psíquico, dos profissionais de enfermagem.

O uso de equipamentos de proteção individual é absolutamente necessário, entretanto seu uso não elimina muitos dos riscos ocupacionais que foi visto no desenvolvimento deste trabalho, como os riscos psicossociais e os associados à violência psicológica.

É preciso pensar em estratégias que minimizem estes fatores diretamente relacionados com o adoecimento e propiciem um ambiente saudável, equilibrado. A enfermagem é a arte de cuidar e é preciso cuidar de si para cuidar do outro.

A informação e seu domínio são sempre elementos de grande eficácia, e podem contribuir para a prevenção, manejo e controle adequados dos riscos ocupacionais. Sugere-se que essa conscientização não abranja apenas o profissional

já inserido no meio ambiente hospitalar, mas também o hoje acadêmico, futuro Enfermeiro, através da vivência de disciplinas referentes à saúde ocupacional.

REFERÊNCIAS

- ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Segurança no Ambiente Hospitalar**. 2019. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33852/271855/Seguran%C3%A7a+no+ambiente+hospitalar/473c5e32-025a-4dc2-ab2e-fb5905d7233a>. Acesso em 20 de mar., 2019.
- BEZERRA, Francimar Nipo; SILVA, Telma Marques da; RAMOS, Vânia Pinheiro. Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência: Revisão Integrativa da Literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**: São Paulo, v. 25, n. spe2, p. 151-156, 2012.
- BORDIGNON, Maiara; MONTEIRO, Maria Inês. Violência no trabalho da Enfermagem: um olhar às consequências. **Revista Brasileira de Enfermagem**: Brasília, v. 69, n. 5, p. 996-999, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 8.213**, de 24 de julho de 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8213cons.htm. Acesso em 25 mar., 2019.
- CAMPOS, Diana Catarina Ferreira de; GRAVETO, João Manuel Garcia do Nascimento. Papel do enfermeiro e envolvimento do cliente no processo de tomada de decisão clínica. **Revista Latino Americana de Enfermagem**: Ribeirão Preto, v. 17, n. 6, p. 1065-1070, Dec. 2009.
- CARRARA, Gisleangela Lima Rodrigues; MAGALHÃES; Deisy Monier; LIMA, Renan Catani. Riscos ocupacionais e os agravos à saúde dos profissionais de enfermagem. **Revista Fafibe On-Line**: Bebedouro SP, v.8, n. 1, p. 265-286, 2015.
- DIAS, Ana Carla Brito; FIUZA, Edvania Nascimento dos Santos; OENNING, Nágila Soares Xavier. **Adesão ao uso dos EPIs pela equipe de enfermagem no ambiente hospitalar**: causas da resistência. 2015, 16 p. Monografia; (Aperfeiçoamento/Especialização em Enfermagem do Trabalho) - Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, 2015. Disponível em: <http://www7.bahiana.edu.br/jspui/bitstream/bahiana/753/1/tcc%20bahiana%20Carla%20Edvania.pdf>. Acesso em 26 mar., 2019.
- DUARTE, A. F. *et al.* Fatores de riscos para distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho – DORT em profissionais de enfermagem. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**. p. 53-56, 2012. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1700>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- ELIAS, M. A.; NAVARRO, V. L. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. **Revista Latino Americana de Enfermagem**: Ribeirão Preto, v. 14, n. 4, p. 517-525, jul./ago. 2006.

FREIRE, Rosa Maria de Albuquerque *et al.* Um olhar sobre a promoção da saúde e a prevenção de complicações: diferenças de contextos. **Revista Latino Americana de Enfermagem**: Ribeirão Preto, v. 24, e2749, p 1 – 9, 2016.

GOMES, Suelen Veras; PASSO, Joanir Pereira. As doenças ocupacionais originadas frente à exposição a riscos ocupacionais na prática dos profissionais de enfermagem. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], nov. 2010. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1026>. Acesso em: 28 mar. 2019.

GRANERO, Alberto; BLANCH, Josep M; OCHOA, Paola. Condições de trabalho e significados do trabalho em enfermagem em Barcelona. **Revista Latino Americana de Enfermagem**: Ribeirão Preto, v. 26, e2947, p. 1-8, 2018.

MEDEIROS, S. M. *et al.* Condições de trabalho, riscos ocupacionais e trabalho precarizado: o olhar dos trabalhadores de enfermagem. In: CASTRO, J. L. (Org.). **Gestão do trabalho no SUS**: entre o visível e o oculto. p. 161-200. Natal: Editora Observatório RH/NESC/UFRN, 2007.

MENDES, Tânia; AEROSA. Acidentes de trabalho ocorridos em profissionais de saúde numa instituição hospitalar de Lisboa. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 13, p. 25-47, 2014.

MININEL, Vivian Aline; BAPTISTA, Patrícia Campos Pavan; FELLI, Vanda Elisa Andres. Cargas psíquicas e Processos de desgaste em trabalhadores de enfermagem de hospitais Universitários Brasileiros. **Revista Latino Americana de Enfermagem**: Ribeirão Preto. v. 19, n. 2, p. 340-347, 2011.

NISHIDE, Vera Médice; BENATTI, Maria Cecília Cardoso. Riscos ocupacionais entre trabalhadores de enfermagem de uma unidade de terapia intensiva. **Revista Escola de Enfermagem USP**: São Paulo, v. 38, n. 4, p. 406-414, Dec. 2004.

OLIVEIRA, Jackson Eduardo de; LAGE, Keila Regina; AVELAR, Solange Andrade. Equipe de enfermagem e os riscos biológicos: norma Regulamentadora 32 (NR – 32). **Revista Enfermagem Integrada**: Ipatinga: Unileste-MG, v. 4, n. .2, p. 793-805, Nov./Dez. 2011.

PAI, Daiane Dal *et al.* Violência, burnout e transtornos psíquicos menores no trabalho hospitalar. **Revista Escola de Enfermagem USP**: São Paulo. v. 49, n. 3, p. 457-464, jun. 2015.

REZENDE, Keyti Cristine Alves Damas. **Risco biológico e medidas de prevenção na prática da atenção básica**. 2011, 114 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Enfermagem, 2011. Disponível em: https://ppgenf.fen.ufg.br/up/127/o/Keyti_Cristine_Alves_Damas_Rezende.pdf?1391016363. Acesso em: 20 mar., 2019.

REZENDE, Marina Pereira *et al.* Riscos físicos e sua identificação por auxiliares de enfermagem de Hospital de Ensino do Estado de Minas Gerais, Brasil. **Journal of Nursing UFPE on line**. [S.l.], v. 3, n. 3, p. 588-594, 2009.

RIBEIRO, Emílio José Gonçalves; SHIMIZU, Helena Eri. Acidentes de trabalho com trabalhadores de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**: Brasília, v. 60, n. 5, p. 535-540, 2007.

- ROCHA, Vivianny Neres *et al.* Doenças Ocupacionais Relacionadas ao Trabalho da Enfermagem. **Congresso Internacional de Enfermagem**. v. 1, n. 1, p. 1-5, 2017
- Rosa, Aparecida de Faria Gil *et al.* Incidência de LER/DORT em trabalhadores de enfermagem. **Acta scientiarum. Health sciences**. v. 30, n. 1, p. 19-25, 2008.
- ROSSI, Cristiane Gonzales; ROCHA, Renata Marchetti; ALEXANDRE, Neusa Maria Costa. Aspectos ergonômicos na transferência de pacientes: um estudo realizado com trabalhadores de uma central de transportes de um hospital universitário. **Revista Escola de Enfermagem USP**: São Paulo, v. 35, n. 3, p. 249-256, 2001.
- SANTOS, Paloma Silva Solano Ramos dos *et al.* Riscos ergonômicos e o trabalho de enfermagem: uma revisão de literatura. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], p. 49-52, 2012. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1693>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- SANTOS, Sérgio Valverde Marques dos *et al.* Acidente de trabalho e autoestima de profissionais de enfermagem em ambientes hospitalares. **Revista Latino Americana de Enfermagem: Ribeirão Preto**, v. 25, e2872, 2017.
- SHOJI, Shino; SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira; FARIAS, Sheila Nascimento Pereira. Impacto do ambiente laboral no processo saúde doença dos trabalhadores de enfermagem de uma unidade ambulatorial especializada. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 43-54, Jan/Mar, 2015
- SILVA E. S. N., SANTOS T. F. V. Análise dos padrões técnicos de programas de controle médico de saúde ocupacional e atestados de saúde ocupacional por meio de auditoria interna. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 50-56, 2014.
- SILVA, Everaldo José da; LIMA, Maria da Glória; MARZIALE, Maria Helena Palucci. O conceito de risco e os seus efeitos simbólicos nos acidentes com instrumentos perfurocortantes. **Revista Brasileira de Enfermagem**: Brasília, v. 65, n. 5, p. 809-814, 2012.
- SOARES, Letícia Gramazio *et al.* Risco biológico em trabalhadores de enfermagem: promovendo a Reflexão e a prevenção. **Cogitare Enfermagem**, v. 16, n. 2, p. 261-267, 2011.
- SULZBACHER, Ethiele; FONTANA, Rosane Teresinha. Concepções da equipe de enfermagem sobre a exposição a riscos físicos e químicos no ambiente hospitalar **Revista Brasileira de Enfermagem**: Brasília, v. 66, n. 1, p. 25-30, 2013.
- TEIXEIRA L. P., CASANOVA E. G., SILVA T. A. S. M. Doenças ocupacionais na enfermagem: quando o trabalho adocece. **Revista Pró-UniverSUS**. v. 5, n. 2, p. 19-24, 2014.
- VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; GOMES, Helena Ferraz; GRECO, Rosangela Maria. Condições ergonômicas do trabalho de enfermagem: análise da produção socializada entre os anos de 1998 e 2008. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 2, n. 3, p. 1128-1142, 2010.
- XELEGATI, Rosicler *et al.* Riscos ocupacionais químicos identificados por enfermeiros que trabalham em ambiente hospitalar. **Revista Latino Americana de Enfermagem**: Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 214-219, 2006.